O DESAFIO CHINÊS
À SUPREMACIA AMERICANA

A CHINA VENCEU?

KISHORE
MAHBUBANI

intrínseca

ELOGIOS À OBRA *A CHINA VENCEU?*

"Kishore Mahbubani tem profunda experiência em diplomacia e relações internacionais, uma capacidade rara de pensar estrategicamente em ambientes complexos, e uma habilidade única para se conectar com múltiplas civilizações, seus valores, e respeitá-los. Tais discernimentos e domínios são plenamente demonstrados em seu livro, *A China venceu?*. Um título provocativo, mas que na verdade analisa de maneira imparcial os cenários que poderiam se apresentar na emergente rivalidade entre China e EUA. Mahbubani faz uma avaliação brutal das inclinações e erros de ambos os lados. A maioria dos leitores vai sair de sua zona de conforto, e isso é parte da força do livro. Há muitos *insights*, mas em destaque está a hipótese de que o resultado a partir de agora dependerá principalmente da capacidade (ou da falta desta) de os dois lados entenderem e respeitarem profundas diferenças em civilizações construídas ao longo de centenas e até milhares de anos, e que

levam a estruturas de governança diversas e valores relativos em termos de liberdades individuais, estabilidade social e política; em outras palavras, é preciso ver o mundo pelos olhos do outro. Há uma ampla gama de interesses comuns sobre os quais se construir. Na visão de Mahbubani, ou todos (e não apenas a China e os EUA) vencem ou ninguém vence. Este é um livro importante num momento crucial da história."

— Michael Spence, ganhador do Prêmio
Nobel de Economia em 2001

"Kishore Mahbubani há tempos exalta o que o Ocidente ensinou ao restante do mundo e como muitas partes da Ásia, incluindo a China e a Índia, beneficiaram-se do que aprenderam. Mas ninguém parece mais surpreso com o que a China aprendeu com os EUA do que o próprio povo norte-americano, que agora vê a China puramente como um rival que ameaça sua primazia global. Mahbubani pergunta incisivamente: o que a China fez para merecer isso? Ele vai além e desafia seus leitores a pensar nas consequências caso se permita que essa rivalidade cresça descontroladamente."

— Wang Gungwu, professor da Universidade
Nacional de Cingapura

"Kishore Mahbubani tem capacidade notável para perceber as ortodoxias complacentes que levam grandes nações a perder o rumo. *A China venceu?* identifica os mitos e erros que estão minando as relações chinesas e americanas entre si e com o mundo, e oferece aos dois países conselhos francos e perspicazes sobre como agir melhor no futuro. Líderes em Pequim e Washington não gostarão

de tudo o que ele tem a dizer, mas seria bom que prestassem bastante atenção. E você também."

— Stephen M. Walt, professor de relações internacionais da Universidade de Harvard

"*A China venceu?*, de Kishore Mahbubani, é uma contribuição importante: analisa a sabedoria estratégica de Kennan a Kennedy, faz perguntas provocativas, e até mesmo heréticas, sobre o crescimento da China e aconselha um mundo seguro para a diversidade."

— Graham Allison, professor da Universidade de Harvard e autor de *A caminho da guerra: os Estados Unidos e a China conseguirão escapar da Armadilha de Tucídides?*

"*A China venceu?* é um título provocativo. Em seu mais recente livro, Kishore Mahbubani explica por que, na verdade, essa é a pergunta errada a ser feita. Apesar do crescente ressentimento e da percepção equivocada mútua, tanto os Estados Unidos quanto a China sabem, no fim das contas, que uma guerra entre eles seria cataclísmica. Neste livro revelador, Mahbubani apela à racionalidade mais profunda das duas grandes potências, argumentando que o maior desafio de nossos tempos será responder se a humanidade venceu. Leitores americanos e chineses se beneficiarão da sabedoria de Mahbubani."

— George Yeo, ex-ministro de relações exteriores de Cingapura

"Os americanos deveriam seguir o conselho franco de Kishore Mahbubani, por mais importuno que possa ser: descarte as ilusões de eterna primazia e virtude excepcional dos EUA protegidas por altos muros. Em vez disso, Washington deveria adotar uma estratégia

internacional de longo prazo ancorada em equilíbrio e cooperação; restabelecer liderança e governança internas sadias; conquistar amigos no exterior em vez de afastar aliados; evitar comprometimentos exagerados; e expressar modéstia moral. O poder militar não é a arma mais importante no Arsenal da Democracia."

— David M. Lampton, professor emérito da Johns Hopkins School of Advanced International Studies, e membro Oksenberg-Rohlen do Freeman Spogli Institute, Asia--Pacific Research Center, Universidade de Stanford

"A China e os EUA estão envolvidos numa luta por liderança internacional, e o resultado dessa disputa irá moldar a ordem mundial para as futuras gerações. Kishore Mahbubani capta a complexidade dessa batalha com nuança moderada e o discernimento que o tema merece. Não deixe de ler."

— Ian Bremmer, presidente do Eurasia Group e autor de *Us vs. Them*

"Precisamos saber como a China pensa e se vê no mundo, se devemos encará-la como nossa amiga, adversária ou algo no meio do caminho entre uma coisa e outra. Não há melhor guia para levar ocidentais à visão asiática de mundo do que Kishore Mahbubani. Ele compartilha a riqueza de seu conhecimento e experiência neste livro de importância vital."

— Lawrence H. Summers, antigo secretário do Tesouro dos EUA, Universidade de Harvard

KISHORE
MAHBUBANI

A CHINA VENCEU?

O DESAFIO CHINÊS À SUPREMACIA AMERICANA

Tradução
Bruno Casotti

intrínseca

Copyright © 2020 by Kishore Mahbubani

Publicado mediante acordo com Public Affairs, um selo de Perseus Books, LLC, subsidiária de Hachette Book Group, Inc. Nova York, EUA. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Has China Won?

PREPARAÇÃO
Camila Figueiredo

REVISÃO
Fernanda Lizardo
Priscila Cerqueira
Rayana Faria

DIAGRAMAÇÃO
Aline Martins | Sem Serifa

DESIGN DE CAPA
Rafael Nobre

CAPA ORIGINAL
Pete Garceau | © Hachette Book Group

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M181c Mahbubani, Kishore, 1948-
A China venceu? : o desafio chinês à supremacia americana / Kishore Mahbubani ; tradução Bruno Casotti. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
368 p. ; 23 cm.

Tradução de : Has China Won?
Apêndice
ISBN 978-65-5560-252-4

China - Relações - Estados Unidos. 2. Estados Unidos - Relações - China. 3. China - Condições econômicas - Séc. XX. 4. Estados Unidos - Aspectos estratégicos. 5. China - Aspectos estratégicos. I. Casotti, Bruno. II. Título.

21-70486 CDD: 327.51073
CDU: 327(510+73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2021]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO

Uma coisa é certa.

A disputa geopolítica que se abriu entre os Estados Unidos e a China continuará por mais uma ou duas décadas. Embora o presidente norte-americano Donald Trump tenha lançado a primeira rodada em 2018, ela ultrapassará sua administração. O presidente dividiu o país em todas as suas políticas, exceto uma: a guerra comercial e tecnológica contra a China. De fato, recebeu forte apoio bipartidário, e no corpo político americano está se desenvolvendo um forte consenso de que a China representa ameaça aos Estados Unidos. O general Joseph Dunford, chefe do Estado-Maior Conjunto, disse que "a China provavelmente representará a maior ameaça à nossa nação até 2025".[1] A síntese da Estratégia de Defesa Nacional dos Estados Unidos para 2018 alega que a China e a Rússia são "potências revisionistas" que buscam "moldar o mundo em consonância com seu modelo autoritário – ganhando autoridade

de veto sobre decisões econômicas, diplomáticas e de segurança de outras nações".[2] Christopher Wray, diretor do FBI, disse: "Uma das coisas que estamos tentando fazer é enxergar a ameaça da China não apenas como uma ameaça a todo o governo, mas a toda a sociedade... e acho que isso exigirá de nós uma resposta de toda a sociedade."[3] Mesmo George Soros, que gastou milhões tentando impedir a eleição de Trump, elogiou-o em relação à China. Disse: "A maior – e talvez única – conquista da administração Trump em política externa foi o desenvolvimento de uma política coerente e genuinamente bipartidária para a China de Xi Jinping."[4] Ele também acrescentou que era correto a administração Trump declarar a China como "uma rival estratégica".

Mas, embora o *establishment* americano tenha, de modo geral, apoiado entusiasticamente Trump em relação à China, é curioso que ninguém tenha observado que os Estados Unidos estão cometendo um grande erro estratégico ao lançarem essa rivalidade com a China sem antes desenvolver uma estratégia abrangente e global para lidar com ela.

Quem primeiro me alertou para isso foi um dos maiores pensadores estratégicos dos Estados Unidos, Dr. Henry Kissinger. Ainda me lembro claramente do almoço que tive com ele numa sala privada de seu clube em Midtown Manhattan, em meados de março de 2018. No dia do almoço, temi que este fosse cancelado, pois havia previsão de nevasca. Apesar da advertência sobre o clima, ele compareceu. Tivemos uma conversa maravilhosa que durou duas horas. Para ser justo, ele não disse exatamente que faltava aos Estados Unidos uma estratégia de longo prazo para lidar com a China, mas essa foi a mensagem que transmitiu durante o almoço. Essa também é a grande mensagem do livro *Sobre a China*, de sua autoria.

Por outro lado, os Estados Unidos pensaram intensa e profundamente antes de mergulharem na Guerra Fria contra a União

Soviética. O principal estrategista que formulou a bem-sucedida estratégia de contenção dos EUA contra a URSS foi George Kennan. A estratégia foi explicada publicamente pela primeira vez no famoso ensaio que Kennan publicou na *Foreign Affairs* sob o pseudônimo de Sr. X, derivado de seu "longo telegrama" escrito em fevereiro de 1946. Kennan o redigiu quando estava servindo no posto crucial de diretor da Equipe de Planejamento de Políticas do Departamento de Estado, cuja missão fundamental é o planejamento estratégico de longo prazo.

De setembro de 2018 a agosto de 2019, a diretora de planejamento de políticas do Departamento de Estado foi a professora Kiron Skinner, da Universidade Carnegie Mellon. Num painel de discussão público, em 29 de abril de 2019, ela revelou que, em resposta à ressurgência da China, seu departamento ainda estava tentando elaborar uma estratégia abrangente compatível com aquela explicada por seu antecessor, Kennan.

Quando trabalhei no Serviço Diplomático de Cingapura, também fui incumbido de escrever documentos de estratégia de longo prazo para o governo. A grande lição que aprendi com três excepcionais mestres em geopolítica de Cingapura (Lee Kuan Yew, Goh Keng Swee e S. Rajaratnam) é que o primeiro passo para desenvolver qualquer estratégia de longo prazo consiste em fazer as perguntas certas. Se uma pessoa recebe as perguntas erradas, as respostas serão erradas. O mais importante, como Rajaratnam me ensinou, é que, ao formular essas perguntas, é preciso sempre "pensar o impensável".

Nesse sentido, eu gostaria de sugerir dez áreas que provocam perguntas que a Equipe de Planejamento de Políticas deveria abordar. Tendo certa vez encontrado George Kennan em seu escritório no Instituto de Estudos Avançados, em Princeton, Nova Jersey, no fim dos anos 1990, acredito que ele seria a favor de confrontar diretamente as questões mais difíceis que se apresentam à frente.

AS DEZ GRANDES QUESTÕES

1. Englobando 4% da população mundial, a parcela norte-americana do PIB global estava próxima de 50% ao fim da Segunda Guerra Mundial. Ao longo da Guerra Fria, o PIB da União Soviética nunca foi tão grande quanto o dos Estados Unidos, alcançando apenas 40% dele em seu auge.[5] Poderia o PIB dos Estados Unidos se tornar menor do que o da China nos próximos trinta anos? Em caso afirmativo, quais são as mudanças estratégicas que os Estados Unidos terão de fazer quando já não forem a potência econômica dominante no mundo?
2. O principal objetivo dos Estados Unidos deveria ser melhorar o meio de vida de seus 330 milhões de cidadãos ou preservar sua supremacia no sistema internacional? Se há contradições entre os objetivos de preservar a supremacia e melhorar o bem-estar, qual deles deveria ter prioridade?
3. Na Guerra Fria, os altos gastos em defesa dos Estados Unidos provaram ser prudentes quando forçaram a União Soviética, um país com economia menor, a se equiparar a eles. No fim, isso ajudou a falir a União Soviética. A China aprendeu uma lição com o colapso da URSS. Está restringindo suas despesas de defesa e focando em desenvolvimento econômico. Para os Estados Unidos, será que é sábio continuar investindo pesadamente em seu orçamento de defesa? Ou deveriam reduzir essa despesa e seu envolvimento em guerras estrangeiras dispendiosas e, em vez disso, priorizar o investimento na melhoria de serviços sociais e no rejuvenescimento da infraestrutura nacional? A China quer que os Estados Unidos aumentem ou reduzam suas despesas de defesa?
4. Os Estados Unidos não venceram a Guerra Fria sozinhos. Formaram sólidas alianças com seus parceiros ocidentais

da Otan e cultivaram amigos e aliados fundamentais no terceiro mundo, como China, Paquistão, Indonésia e Egito. Para preservar essas alianças, mantiveram sua economia aberta aos aliados e ampliaram generosamente a oferta de ajuda. Sobretudo, ficaram conhecidos pelo espírito de generosidade na Guerra Fria. A administração Trump anunciou a política "América primeiro" e ameaçou impor tarifas a aliados fundamentais como a União Europeia, o Japão e nações amigas do terceiro mundo, como a Índia. Os Estados Unidos seriam capazes de construir uma coalizão global sólida para contrabalançar a China se isso também afastar seus aliados fundamentais? Será que sua decisão de sair da Parceria Transpacífica (TPP, na sigla em inglês) foi um presente geopolítico para a China? Será que a China já preparou um ataque preventivo contra uma política de contenção formando novas parcerias econômicas com seus vizinhos por meio da Iniciativa do Cinturão e Rota (ICR)?

5. A arma mais poderosa que os Estados Unidos podem usar para fazer seus aliados e adversários entrarem na linha e atenderem seus desejos não são as Forças Armadas norte-americanas, mas o dólar americano. O dólar americano se tornou praticamente indispensável ao comércio e às transações financeiras globais. Nesse aspecto, funciona como um bem público global a serviço da economia mundial interdependente. Como bancos e instituições estrangeiras não podem evitar usá-lo, os Estados Unidos têm se permitido a aplicação extraterritorial de suas leis internas e a imposição de multas enormes a bancos estrangeiros que violam essas leis internas para o comércio com o Irã e outros países sancionados. Adversários dos americanos, como a Coreia do Norte e o Irã, também foram forçados a ir à mesa de negociação devido às sanções finan-

ceiras impeditivas. As sanções americanas a esses países funcionaram melhor quando foram apoiadas e endossadas por instituições multilaterais, como o Conselho de Segurança da ONU, cujas decisões são obrigatórias para Estados membros da ONU. Sob a administração Trump, os Estados Unidos trocaram as sanções multilaterais por unilaterais e transformaram o dólar em uma arma a ser usada contra seus adversários. Seria sábio usar um bem público global como arma e para fins unilaterais? No momento, não há alternativas práticas ao dólar americano. Isso será sempre assim? Será esse o calcanhar de Aquiles da economia norte-americana que a China pode atingir a fim de enfraquecê-la?

6. Ao desenvolver uma estratégia contra a União Soviética, Kennan enfatizou que para os americanos era essencial "criar entre os povos do mundo a impressão geral de um país" bem-sucedido internamente e que gozava de "vitalidade espiritual".[6] O professor Joseph Nye descreveu isso como o poder brando americano. Dos anos 1960 aos anos 1980, esse poder disparou. Desde o 11 de Setembro, os Estados Unidos têm violado leis internacionais e convenções de direitos humanos (e se tornaram o primeiro país ocidental a reintroduzir a tortura). O poder brando americano decaiu consideravelmente, em especial sob o governo Trump. Será que o povo americano está disposto a fazer os sacrifícios necessários para aumentar esse poder novamente? Será que os Estados Unidos podem vencer a batalha ideológica contra a China se forem percebidos como uma nação "normal", e não como uma nação "excepcional"?
7. O general H.R. McMaster, assessor de segurança nacional de Trump de 2017 a 2018, disse que, no fim das contas, a luta entre Estados Unidos e China representava a luta entre "sociedades livres e abertas e sistemas autoritários fechados".[7] Se

essa afirmação está correta, todas as sociedades livres e abertas deveriam se sentir igualmente ameaçadas pelo Partido Comunista Chinês (PCC). Das três maiores democracias no mundo, duas são asiáticas: Índia e Indonésia. Nenhuma das duas se sente ameaçada de forma alguma pela ideologia chinesa. As maiores democracias europeias também não se sentem ameaçadas. Diferentemente da União Soviética, a China não está tentando desafiar ou ameaçar a ideologia norte-americana. Ao tratar o novo desafio da China como semelhante à antiga estratégia soviética, os Estados Unidos estão cometendo o clássico erro estratégico de lutar a guerra de amanhã com táticas de ontem. Seriam os estrategistas norte-americanos capazes de desenvolver novas estruturas analíticas para captar a essência da competição com a China?

8. Em qualquer grande competição geopolítica, a vantagem sempre será da parte que consegue permanecer racional e serena sobre a parte movida por emoções, sejam elas conscientes ou inconscientes. Como Kennan sabiamente observou, essa "perda da calma e do autocontrole" é um sinal de fraqueza. Mas será que as reações dos Estados Unidos à China são motivadas pela razão? Ou por emoções subconscientes? A psique ocidental há muito tempo guarda um temor profundo, inconsciente, diante do "perigo amarelo". Kiron Skinner observou que a disputa com a China envolvia uma potência "não caucasiana". Ao fazê-lo, ela apontou o que está motivando as reações emocionais à China. No ambiente politicamente correto de Washington, será que é possível para qualquer estrategista sugerir um argumento tão politicamente incorreto, embora verídico, sem ser politicamente atacado?
9. Sun Tzu, um dos maiores mestres estrategistas da China, advertiu certa vez: "Se você conhece seu inimigo e conhece a si

mesmo, não precisa temer o resultado de uma centena de batalhas. Se conhece a si mesmo, mas não ao inimigo, para cada vitória obtida sofrerá também uma derrota. Se não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, sucumbirá em cada batalha."[8] Será que os Estados Unidos conhecem seu rival chinês? Por exemplo, estariam os Estados Unidos cometendo um erro de percepção fundamental quando veem o PCC como um Partido *Comunista* Chinês? Isso implicaria que a alma do PCC está inserida em suas raízes comunistas. Mas, aos olhos de muitos observadores asiáticos objetivos, o PCC, na verdade, funciona como o "Partido da *Civilização* Chinesa". Sua alma não está arraigada à ideologia estrangeira do marxismo-leninismo, mas à civilização chinesa. O trabalho mais importante para um estrategista é tentar entrar na mente do adversário. Portanto, eis um teste: quanto um líder chinês se preocupa com a ideologia marxista-leninista e quanto se preocupa com a rica história da civilização chinesa? A resposta provavelmente surpreenderia muitos norte-americanos.

10. Henry Kissinger, em *Sobre a China*, enfatizou que a estratégia chinesa era orientada pelo jogo *wei qi* (围棋), e não pelo xadrez ocidental. No xadrez ocidental, a ênfase está em encontrar a maneira mais rápida de capturar o rei. No *wei qi*, o objetivo é a conquista lenta e paciente de território para equilibrar o jogo a seu favor. A ênfase está numa estratégia de longo prazo, e não em ganhos de curto prazo. Portanto, será que, lenta e pacientemente, a China está conquistando territórios de forma a progressivamente virar o jogo estratégico a seu favor? Curiosamente, os Estados Unidos fizeram dois grandes esforços para frustrar dois movimentos de longo prazo feitos pela China para obter vantagem. Ambos fracassaram. O primeiro foi a tentativa da administração Obama de impedir

que seus aliados se juntassem ao Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (BAII), iniciado pelos chineses em 2014-2015. O segundo foi o esforço da administração Trump para impedir seus aliados de participarem da ICR, lançada pelos chineses. Será que os Estados Unidos estão reservando recursos suficientes para a competição de longo prazo? Será que a sociedade norte-americana tem força e resistência inerentes para corresponder ao jogo de longo prazo da China?

O objetivo de levantar essas questões é estimular um debate estratégico, pensar o impensável e dissecar e entender as muitas dimensões complexas da disputa geopolítica entre EUA e China que irá se desenrolar na próxima década. Um dos objetivos deste livro é promover o pensamento prático e racional sobre um tema inevitavelmente complexo e mutável.

Uma pergunta fundamental que todo estrategista americano deve fazer antes de mergulhar numa grande disputa geopolítica é aquela que alcança a dimensão do risco envolvido. Em suma, os Estados Unidos podem perder? O pensamento parece inconcebível. Em termos físicos e morais, os Estados Unidos se veem há muito tempo como a nação mais forte. A economia norte-americana e, consequentemente, suas Forças Armadas são as mais poderosas do mundo há mais de um século. Sua vantagem natural de ocupar um continente levemente povoado e rico em recursos, aliada ao poder de inovação e vigor de suas instituições (em especial seus mercados livres, seu Estado de direito e suas universidades) e ao povo norte-americano, convenceram os Estados Unidos de que nenhuma nação consegue se aproximar de seu nível de inventividade e produtividade.

Na dimensão moral, para a maioria dos norte-americanos, a ideia de que uma sociedade livre e aberta como os Estados Unidos, a democracia mais forte do mundo, poderia perder uma disputa contra

uma sociedade comunista fechada como a China é inconcebível. Os americanos são propensos a acreditar que o bem sempre triunfa sobre o mal e que nenhum sistema político é inerentemente tão bom quanto aquele imaginado pelos fundadores da república. Isso pode explicar, em parte, a crescente demonização da China nos últimos anos. Quanto mais a China é retratada como um agente do mal (em especial ao violar as expectativas norte-americanas de que ela progressivamente se abriria e se tornaria uma sociedade democrática, envolvendo-se com os Estados Unidos), mais fácil se torna, para os norte-americanos, persistir na crença de que eles acabariam triunfando contra a China, independentemente das circunstâncias.

Os Estados Unidos também se orgulham de ser uma sociedade racional. Em muitos sentidos, são. São herdeiros da grande história da civilização ocidental, fundamentada na razão e na lógica. A revolução científica que impulsionou a civilização ocidental permitiu sua dominação. Com a vantagem de deter um mercado vibrante, as mais fortes universidades e as elites com mais elevada instrução no mundo, os Estados Unidos supuseram que nenhuma sociedade poderia competir com eles nos domínios cruciais da força econômica e militar, da inventividade intelectual e da supremacia moral.

Os americanos também supuseram que, como tinham a sociedade mais aberta do planeta, seus diversos mecanismos seriam capazes de alertar o país caso ele seguisse uma direção muito errada. Lamentavelmente, isso não aconteceu nas últimas décadas. A maioria dos norte-americanos não tem consciência de que a renda média da metade mais pobre de sua população diminuiu ao longo de um período de trinta anos.[9] Isso não aconteceu por escolherem seguir a direção errada. Como este livro irá documentar, os Estados Unidos se distanciaram significativamente de alguns dos princípios fundamentais que definiam a justiça social na sociedade norte-americana. O maior filósofo político e moral norte-americano nos últimos tempos foi

John Rawls. Por meio de sua obra, ele tentou extrair a sabedoria dos grandes filósofos europeus, mestres dos Pais Fundadores dos Estados Unidos. Infelizmente, muitos cidadãos americanos não têm consciência do quanto se afastaram de alguns princípios básicos essenciais.

De forma semelhante, poucos norte-americanos têm consciência de que o mundo mudou em muitas dimensões fundamentais desde o auge do poder norte-americano nos anos 1950. Em 1950, em termos de paridade de poder de compra (PPC), os Estados Unidos tinham 27,3% do PIB mundial, enquanto a China tinha apenas 4,5%.[10] No fim da Guerra Fria, em 1990, um período triunfante, tinham 20,6%, enquanto a China, 3,86%. Em 2018, têm 15%, menos que a China (18,6%).[11] Num aspecto crucial, os Estados Unidos já se tornaram o número dois. Poucos norte-americanos têm consciência disso; menos ainda refletiram sobre o que isso significa.

De forma ainda mais crucial, o contexto global em que a rivalidade entre EUA e China vai se desenrolar será muito diferente daquele da Guerra Fria. O mundo se tornou um lugar mais complexo. Está evidente que a permanência dos Estados Unidos como potência mundial preeminente, embora não seja impossível, irá se tornar cada vez mais improvável, a não ser que o país se adapte ao novo mundo que surgiu.

Na arena do dinamismo civilizacional, o mundo está retornando a um ponto com equilíbrio histórico entre diferentes civilizações. Durante mais de duzentos anos, o desempenho da civilização ocidental superou amplamente o do restante do mundo, permitindo derrubar o precedente histórico; do ano 1 a 1820, a China e a Índia sempre foram as maiores civilizações em termos de força econômica. Os últimos duzentos anos foram, portanto, uma anomalia.

Uma razão pela qual o Ocidente já não pode dominar o mundo é que a nações de fora aprenderam muito com ele. Absorveram muitas das melhores práticas ocidentais em economia, política, ciência e tecnologia. Como resultado, enquanto muitas partes da civilização

ocidental (em especial a Europa) parecem exaustas, sem impulso e energia, outras civilizações estão ganhando força. Nesse aspecto, as civilizações humanas são como organismos vivos. Têm ciclos de vida. A civilização chinesa teve muitos altos e baixos. Não deveria ser uma surpresa que esteja, agora, retornando com força. Tendo sobrevivido por mais de dois mil anos, a China desenvolveu fortes tendões civilizacionais. O professor Wang Gungwu observou que, embora o mundo tenha tido muitas civilizações antigas, a única que caiu quatro vezes e se reergueu foi a China. Como civilização, a China é extraordinariamente resiliente. O povo chinês também é extraordinariamente talentoso. Quando olham para mais de dois mil anos de história, os chineses estão amplamente conscientes de que os últimos trinta anos sob o regime do PCC foram os melhores trinta anos que a civilização chinesa viveu desde que o país foi unido por Qin Shi Huang, em 221 a.C. Ao longo da maior parte dos últimos dois mil anos, o grande manancial de capacidade mental disponível na população chinesa não foi desenvolvido sob o sistema imperial. Durante os últimos trinta anos, pela primeira vez na história chinesa, foi explorado em escala maciça. A confiança cultural, que os chineses carregam há séculos, combinada ao que a China aprendeu com o Ocidente, dá à civilização chinesa atual um vigor especial. Jean Fan, pesquisadora sino-americana de psicologia da Universidade de Stanford, observou, depois de visitar a China em 2019, que "a China está mudando de maneira profunda e visceral, e está mudando rápido, de forma quase incompreensível para quem não testemunha o fato pessoalmente. Em contraste com a estagnação dos Estados Unidos, a cultura, o autoconceito e a moral estão sendo transformados em ritmo veloz – na maioria das vezes para a melhor."[12] Se um índice pudesse medir a força e a resiliência relativas de diferentes civilizações humanas com base no real desempenho ao longo de dois mil anos, a civilização chinesa poderia se classificar em primeiro lugar.

Seu extraordinário vigor hoje não é único. Outras civilizações asiáticas também estão prosperando porque o Ocidente ensinou bem ao mundo e compartilhou amplamente seu exemplo.[13]

Posso falar com confiança sobre o vigor civilizacional de diferentes sociedades asiáticas como resultado de uma peculiaridade cultural incomum. Tenho ligações culturais com diversas sociedades da Ásia, onde vive metade da humanidade, de Teerã a Tóquio. Sou filho de dois hindus sindis, nascido em Cingapura, em 1948. Como resultado, tenho ligação com mais de um bilhão de hindus no sul da Ásia. Nove dos dez Estados do Sudeste Asiático também têm base cultural índica. Quando vejo histórias do Ramayana e do Mahabharata – que tanto fizeram parte de minha infância – apresentadas no Sudeste Asiático, sinto minha ligação com elas. Mais de 550 milhões de pessoas vivem nesse espaço índico do Sudeste Asiático. Meus pais deixaram o Paquistão em 1947 por causa da dolorosa partição entre a Índia hindu e o Paquistão islâmico. Quando criança, aprendi a ler e escrever a língua sindi com sua escrita perso-árabe. Meu nome, Mahbubani, também vem de uma palavra árabe-persa, *mahboob*, que significa "amado". Por isso, quando visito as esferas culturais árabes ou iranianas, também sinto uma ligação cultural com elas. Quando visito templos budistas na China, na Coreia e no Japão, também sinto a força da afinidade cultural. O budismo, que tem raízes no hinduísmo, originou-se na Índia. Quando eu era pequeno, minha mãe me levava para rezar em templos budistas, bem como em templos hindus.

Essa ligação pessoal com uma faixa extraordinariamente ampla de sociedades asiáticas, bem como meus dez anos no papel de embaixador para as Nações Unidas, convenceram-me de que, no reino das relações internacionais, a textura e a química do mundo também mudaram de tal maneira que a maioria dos norte-americanos não tem consciência. Cento e noventa e três Estados-nações são membros da

ONU. Uma pergunta simples que devemos fazer é: qual país – China ou Estados Unidos – está nadando na mesma direção dos outros 191?

A maioria dos norte-americanos presume que as políticas e aspirações dos Estados Unidos no exterior estão naturalmente em harmonia com o restante do mundo, uma vez que eles proporcionaram liderança durante décadas. Depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos determinaram as amplas direções para a ordem internacional liberal (que deveria ser mais apropriadamente chamada de "ordem internacional baseada em regras"). As principais instituições multilaterais globais, incluindo a ONU, a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, foram criadas no auge do poder americano. E refletem valores norte-americanos. Em termos de identidade cultural, são ocidentais em orientação, e não asiáticas ou chinesas. Mas, apesar de essas instituições defenderem valores e prioridades ocidentais, nos últimos anos os Estados Unidos vêm se afastando delas, enquanto o restante do mundo, em especial a China, vem se aproximando.

Em suma, está longe de ser verdade que os Estados Unidos vencerão a disputa. A China tem uma chance tão boa quanto a dos EUA de emergir como influência dominante no mundo. De fato, muitos líderes e observadores ponderados, em países estrategicamente sensíveis ao redor do mundo, começaram a fazer preparações para um cenário onde a China possa se tornar a número um.

Mas, assim como foi um erro estratégico de pensadores americanos dar o êxito como certo, seria um erro estratégico igualmente colossal caso a China fizesse o mesmo. Apesar das muitas vantagens que a China tem em tamanho e resiliência civilizacional, seria insensato seus líderes subestimarem a força subjacente da economia e sociedade norte-americanas. A China pagou um preço nos últimos anos por ter se tornado, de forma insensata, arrogante depois que a crise financeira global de 2008-2009 (que deveria ser intitulada

mais precisamente crise financeira ocidental) abalou as economias ocidentais. Na época da crise do Lehman Brothers, o tão louvado sistema financeiro norte-americano parecia estar despencando. De maneira imprudente, líderes chineses começaram a fazer declarações desdenhosas sobre os Estados Unidos. Dez anos depois, os Estados Unidos se recuperaram.

Dessa forma, se eu fosse um líder chinês veterano aconselhando o presidente Xi Jinping, eu o incentivaria fortemente a superestimar, e não a subestimar, a força dos Estados Unidos. E se me pedissem para redigir um memorando ao presidente Xi sobre as grandes forças dos Estados Unidos, eu escreveria o seguinte:

MEMORANDO AO CAMARADA XI JINPING: PREPARAÇÃO PARA A GRANDE BATALHA CONTRA OS ESTADOS UNIDOS

1º de janeiro de 2020

Em vinte anos, marcaremos o aniversário de duzentos anos do período mais humilhante da história da China. O povo da China foi forçado pelos britânicos a aceitar ópio como pagamento por nosso valioso chá. Como disse o camarada Xi, "com a Guerra do Ópio de 1840, a China mergulhou na escuridão da desordem interna e da agressão externa; seu povo, arrasado pela guerra, viu sua terra destruída e viveu na pobreza e no desespero".[14] Estávamos enfraquecidos. Sofremos cem anos de humilhação até o presidente Mao dizer, na cerimônia de fundação da República Popular da China, que "o povo chinês se ergueu".[15]

Hoje, nós somos fortes. Nenhuma potência pode humilhar a China. Estamos no caminho para o rejuvenescimento nacional.

Na abertura do 19º Congresso Nacional do PCC, o camarada Xi nos inspirou ao nos lembrar que "o tema do Congresso é: permaneça leal à nossa aspiração nacional e mantenha nossa missão em mente, erga alto a bandeira do socialismo com características chinesas, assegure a vitória decisiva na construção de uma sociedade moderadamente próspera em todos os aspectos, esforce-se pelo grande êxito do socialismo com características chinesas para uma nova era e trabalhe incansavelmente para realizar o sonho chinês de rejuvenescimento nacional".[16]

Mas agora também enfrentamos o maior desafio ao rejuvenescimento da China. Esperávamos que o "belo país" (Estados Unidos) continuasse a dormir enquanto a China crescia. Infelizmente, ele acordou. Devemos nos preparar para as próximas décadas de intensa luta até alcançarmos nosso objetivo de rejuvenescimento nacional.

Seria um enorme erro estratégico subestimarmos as grandes forças dos Estados Unidos. O povo chinês teme o caos. Essa foi a única força que no passado subjugou a China e trouxe tristeza ao povo chinês. Os Estados Unidos estão sofrendo com o caos agora. O presidente Donald Trump tem sido uma figura polarizadora e divisora. A sociedade americana nunca esteve tão dividida desde a Guerra Civil de 1861-1865.

O caos deveria ser um sinal de fraqueza. Mas, para os Estados Unidos, é sinal de força. O caos resulta das ruidosas discussões populares sobre a direção que os Estados Unidos deveriam tomar. E o povo discute em voz alta porque acredita que ele, e não o governo, é dono do país. Esse sentimento de posse sobre a pátria cria um tremendo sentimento de ganho de poder individual no povo americano. A cultura chinesa valoriza a harmonia social acima do ganho de poder individual. A cultura americana é o oposto.

Essa sensação de ganho de poder individual permitiu à sociedade americana produzir alguns dos indivíduos mais poderosos do

planeta. Em muitas sociedades, o prego alto que se destaca é martelado. Um ditado chinês diz: "Uma árvore alta pega o vento" (*shù dà zhāo fēng*, 树大招风) – uma pessoa em posição elevada está sujeita a ser atacada. Nos Estados Unidos, a árvore alta é venerada. Por isso, os americanos mais admirados e respeitados são indivíduos bem-sucedidos como Bill Gates, da Microsoft; Steve Jobs, da Apple; Jeff Bezos, da Amazon. Até Mark Zuckerberg e Elon Musk continuam sendo figuras admiradas, embora suas empresas, Facebook e Tesla, estejam enfrentando muitas críticas. Nenhuma sociedade tem um ecossistema tão potente para produzir indivíduos fortes quanto os Estados Unidos. Nossa sociedade não é capaz de reproduzir essa grande força dos Estados Unidos. A China se reergueu após cem anos por causa de uma figura grandiosa como Mao Tsé-Tung. A sociedade americana produz muitos Mao Tsé-Tung.

A segunda grande vantagem estratégica dos Estados Unidos é que eles têm acesso aos melhores e mais brilhantes da humanidade. A população de 1,4 bilhão da China é quatro vezes maior do que a dos Estados Unidos. Em teoria, a China pode explorar em sua população um manancial de talentos maior do que o dos Estados Unidos. Porém, como observou sabiamente Lee Kuan Yew, os Estados Unidos têm a capacidade de atrair os melhores talentos de qualquer lugar do mundo. Diferentemente da maioria dos países, os EUA aceitam de bom grado pessoas nascidas no exterior e as acolhem como se fossem suas se forem bem-sucedidas no país. Por isso, nos últimos anos, muitos dos diretores executivos de grandes empresas eram pessoas nascidas no exterior e com cidadania norte-americana, incluindo Indra Nooyi, da PepsiCo; Sundar Pichai, do Google; Satya Nadella, da Microsoft, e Andy Grove, da Intel. Não é uma desvantagem ter nascido no exterior. Em contrapartida, nenhuma grande empresa ou instituição chinesa é dirigida por um indivíduo nascido fora do país.

A terceira grande vantagem estratégica dos Estados Unidos são suas instituições fortes. Embora acredite no ganho de poder individual e o incentive, a sociedade norte-americana não se vale de fortes líderes individuais. Em vez disso, vale-se de instituições fortes para protegê-la. Os fundadores da república americana foram verdadeiramente brilhantes ao redigirem uma constituição provida de controles e equilíbrios. O presidente e o Congresso democraticamente eleitos têm muito poder. Mas seus poderes também são controlados por outras instituições, como a imprensa mais livre do mundo e a Suprema Corte dos EUA. Quando a Suprema Corte declarou que a decisão do presidente Donald Trump de banir os muçulmanos era inconstitucional, Trump *não pôde* usar as Forças Armadas para derrubar a Suprema Corte (como muitos presidentes de muitos outros países fizeram). Nos Estados Unidos, o Estado de direito é mais forte que o governo vigente.

A força das instituições americanas e o Estado de direito explicam por que o mundo inteiro tem fé no dólar americano. Essa fé está na base de seu status como moeda de reserva global dominante, dando ao país o "privilégio exorbitante" de imprimir dinheiro para sustentar seus déficits fiscal e de conta corrente. Nos últimos anos, os Estados Unidos também usaram seu dólar como arma poderosa para sancionar ou exercer pressão sobre outros países. A China não tem essa arma.

Nossa economia equivalia a um décimo do tamanho da economia dos Estados Unidos. Agora, equivale a mais de 60%.[17] Nosso país também comercializa mais com o restante do mundo do que os Estados Unidos. Somos responsáveis por 10,22% do total de importações mundiais e 12,77% do total de exportações,[18] em comparação à parcela americana de 13,37% das importações no mundo e 8,72% das exportações.[19] Mas quando se trata de transações comerciais

globais, o dólar ainda constitui 41,27% de todas as transações, enquanto o renmimbi (RMB) constitui 0,98%.[20]

Por que isso acontece? Porque países e pessoas ricas têm fé no dólar. O RMB não pode substituir o dólar em transações financeiras globais, porque, para alcançarmos isso, teríamos de torná-lo uma moeda totalmente conversível. Para nossa economia, é impossível fazer isso num futuro próximo. Por isso o dólar permanecerá supremo durante muitas décadas.

A quarta grande vantagem estratégica dos Estados Unidos é ter as melhores universidades do mundo. Durante a longa história da humanidade, as sociedades mais bem-sucedidas sempre foram aquelas que fomentaram escolas de pensamento diverso. No período mais criativo da China, muitas escolas de pensamento surgiram simultaneamente: confuciana, taoista, legalista. Hoje os Estados Unidos lideram o mundo no fomento a visões diversificadas. As universidades americanas criaram os ecossistemas intelectuais mais poderosos do mundo. Essa cultura de desafiar e criticar a sabedoria convencional, por sua vez, gera criatividade e inovação. Dessa forma, os Estados Unidos produzem mais ganhadores do Prêmio Nobel do que qualquer outro país em diversos campos. Em determinado momento, nos anos 1980, parecia que o Japão seria capaz de fomentar uma economia mais bem-sucedida que a dos Estados Unidos. Mas, mesmo no auge de seu sucesso, produziu relativamente poucos ganhadores do Prêmio Nobel. As universidades americanas são povoadas por centenas de laureados do Nobel.

Essas grandes universidades servem a outro propósito crucial para os Estados Unidos. Elas fornecem os canais pelos quais as melhores mentes do mundo são atraídas a viver e trabalhar no país. Essas grandes universidades, incluindo Harvard, Yale, Stanford e Columbia, não levam em consideração a nacionalidade ou grupo étnico do indivíduo ao contratarem seus corpos docen-

tes. Escolhem as melhores mentes, não importa de onde venham. Poucas universidades no mundo podem se comparar às melhores universidades americanas em termos de atrair e reter talentos globais. O único país que pode um dia ter uma população maior do que a da China é a Índia. A China não será capaz de atrair os melhores talentos da Índia. Os Estados Unidos têm feito isso e continuarão a fazer. Um dia, isso criará uma relação simbiótica entre Índia e Estados Unidos. Os dois maiores concorrentes com os quais a China possivelmente terá que lidar no futuro poderão se unir e trabalhar juntos. Devemos nos empenhar firmemente agora para impedir que isso aconteça.

A quinta grande vantagem estratégica, que também explica o extraordinário êxito de suas universidades, é que os Estados Unidos também fazem parte de uma grande civilização, a civilização ocidental. Desde o começo da história da humanidade, nossa civilização esteve em pé de igualdade com muitas civilizações europeias. De fato, inventamos mais produtos do que elas, como a pólvora, a bússola, o papel e a impressão.[21] Mas nossa civilização ficou atrás do Ocidente depois que este viveu o grande Renascimento, o Iluminismo e, por fim, a Revolução Industrial. Tudo isso levou ao grande século de humilhação após a Guerra do Ópio de 1840. Portanto, seria um erro estratégico subestimar a força e vitalidade da civilização ocidental.

Ser membro da civilização ocidental confere muitos benefícios ao povo dos Estados Unidos. Confere ao indivíduo imensa confiança cultural, assim como nosso povo ganha confiança cultural por fazer parte de nossa grande civilização. Porém, os Estados Unidos não são o único membro dessa civilização. Os grandes países da Europa, bem como Austrália, Canadá e Nova Zelândia, também fazem parte dela. Sendo assim, em qualquer competição geopolítica, os Estados Unidos não estarão sozinhos. Há uma grande con-

> fiança entre todos os membros da civilização ocidental, em especial entre os membros anglo-saxões da comunidade de inteligência dos Cinco Olhos (Austrália, Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia e Reino Unido). Quando a competição geopolítica entre nossos dois países esquentar, os outros membros do Ocidente ajudarão os Estados Unidos, direta ou indiretamente.
>
> Em suma, ao iniciarmos nossa grande luta contra os Estados Unidos, o maior erro estratégico que poderíamos cometer é subestimar seu poder e sua força. Esse país veio do nada há duzentos e cinquenta anos. É muito mais jovem do que nós. Mas, apesar de sua juventude, ou talvez por causa dela, é uma das sociedades mais dinâmicas já criadas na história. Vamos nos preparar para a maior disputa geopolítica já vista. Teremos que vencê-la se quisermos alcançar nosso objetivo histórico de rejuvenescimento nacional em 2049.[22]

Esse memorando pode ser fictício, mas acredito que capta com precisão as reais percepções sobre os Estados Unidos na elite chinesa. Ela verdadeiramente respeita as grandes forças que os Estados Unidos detêm. Mesmo o fundador da Huawei, Ren Zhengfei, declarou publicamente seu respeito aos Estados Unidos, embora sua filha tenha sido presa, e sua empresa, maltratada, pelos Estados Unidos. Como resultado, os líderes chineses farão imenso esforço para evitar, por tanto tempo quanto possível, uma disputa geopolítica total com os Estados Unidos. Um paradoxo dessa grande disputa, que se dará nas próximas décadas, é que ela é inevitável e evitável. É inevitável porque muitos estrategistas políticos que tomarão as decisões táticas que conduzirão esse confronto estão convencidos por uma psicologia que vê toda competição entre grandes potências como um jogo de soma zero. Dessa forma, se a China intensificar suas mobilizações navais no Mar do Sul da China, um mar contíguo, a Marinha dos

EUA verá isso como uma perda e aumentará sua presença na região. Mas, como espero mostrar, não há nenhum conflito de interesse fundamental entre os Estados Unidos e a China em manter os cursos de águas internacionais seguros para a liberdade da navegação. De fato, a China nutre interesse maior pela liberdade da navegação em comparação aos Estados Unidos.

Um objetivo fundamental deste livro é dissipar o espesso nevoeiro de compreensões equivocadas que tem envolvido a relação sino-americana, para assim permitir que os dois lados entendam melhor – mesmo que não aprovem – os interesses centrais um do outro.

Um melhor entendimento não necessariamente trará paz e harmonia. Por motivos puramente ideológicos, qualquer administração norte-americana deve parecer empática aos manifestantes em Hong Kong que clamam por mais direitos. A opinião pública americana exige que os Estados Unidos apoiem as manifestações. Porém, qualquer administração norte-americana astuta deveria também equilibrar a opinião pública com um entendimento correto dos interesses principais dos líderes chineses. Um líder chinês que pareça brando em relação a territórios que foram tomados da China no maior momento de fraqueza do país, no século XIX, será condenado por seu povo e rapidamente destituído do poder.

Minha esperança, portanto, é que, ao fim, o leitor desenvolva melhor compreensão da dinâmica mais profunda que conduz os dois lados. Este livro também abre espaço para uma conclusão possivelmente otimista. Se acreditamos que vivemos na idade da razão, em que políticas públicas são dirigidas por cálculos realistas, racionais, e por um entendimento geopolítico dos interesses principais um do outro, é possível que os dois lados elaborem políticas de longo prazo que os impeçam de avançar inexoravelmente para um confronto doloroso e desnecessário.

Há um dado estatístico importante do qual líderes americanos e chineses deveriam estar firmemente conscientes: 330 milhões de pes-

soas vivem nos Estados Unidos, e 1,4 bilhão na China. Esses números são grandiosos, mas a população somada dos dois países (1,7 bilhão) ainda representa menos de 25% da população mundial. Grande parte dos 75% restantes da população passou a entender e aceitar agora que a humanidade vive num planeta pequeno, conectado e ameaçado, do qual todos nós dependemos. Por isso, haverá pouca tolerância no restante do mundo a medidas extremas e irracionais adotadas seja pelos Estados Unidos, seja pela China.

Na Declaração de Independência, os Pais Fundadores dos Estados Unidos exigiram do povo norte-americano que houvesse demonstração de "respeito decente pelas opiniões da humanidade". Se já houve momento ideal para levar em consideração esse conselho, é agora. O mundo é um lugar complicado. Este livro mostrará sua complexidade e também recomendará como ela pode ser administrada.

Para chegar ao feliz destino dessa conclusão otimista, temos primeiro que viajar por um território infeliz. Por isso, este livro começará analisando os maiores erros estratégicos cometidos por China e Estados Unidos. Muitas das observações dolorosas feitas aqui podem causar desconforto tanto em leitores chineses quanto em norte-americanos. Mas a única maneira de a China e os Estados Unidos aprenderem a trabalhar juntos é entendendo onde os dois lados erraram. Sendo assim, é aí que nossa viagem terá início.

Com sólida carreira acadêmica e diplomática, Kishore Mahbubani avalia os dois lados do embate e mostra como a China tem pensado em escala global, lançando iniciativas ambiciosas junto aos líderes mais pragmáticos e competentes do mundo.

A sociedade chinesa, repleta de inovação e dinamismo, recuperou sua confiança cultural. Enquanto isso, os Estados Unidos viram seu modelo econômico ser seriamente prejudicado pela crise financeira de 2008; na concepção de muitos, não são mais a grande potência, mas um adversário estagnado. Em qualquer grande competição geopolítica, a parte que consegue permanecer racional e serena sempre terá vantagem sobre a parte movida por emoções, conscientes ou não. A ascensão global da China e o declínio estratégico dos EUA representam um desafio político que os americanos nunca enfrentaram antes.

Nos últimos quarenta anos, a China viveu o maior crescimento econômico da história enquanto seus maiores rivais ficaram no piloto automático, acreditando que se manteriam como número um para sempre. A grande disputa geopolítica do século XXI já começou e vai continuar por mais uma ou duas décadas. A guerra comercial estourou. A humanidade precisa urgentemente que essas duas potências cooperem, mas o atrito permanente parece mais provável. E o maior erro estratégico dos EUA foi presumir que, não importa o que acontecesse, estariam na liderança mundial.

SAIBA MAIS EM:

https://www.intrinseca.com.br/livro/1076/